

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O CARTAZ DE CÂNDIDO DE FARIA NOS PRIMÓRDIOS DA COMPANHIA CINEMATOGRAFICA PATHÉ

Maria Teresa Mattos de Moraes

Doutora em Comunicação pela UERJ

Professora do departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense

tetemattos13@gmail.com

Resumo:

A comunicação pretende analisar as obras do artista gráfico sergipano Candido Aragonez de Faria, que teve um forte protagonismo nos primórdios do cinema, criando e produzindo inúmeros cartazes para a Companhia Cinematográfica Pathé. Há fortes indícios de que Faria foi um dos artistas gráficos mais ativos na virada de século parisiense. E a ele é atribuído a ilustração do primeiro cartaz de um filme na história do cinema. Nosso objetivo é analisar como a “instituição cinema” aparece figurada nos cartazes institucionais da Pathé realizados por Cândido Aragonez Faria entre os anos 1906 e 1910.

Palavras-chave: Cândido de Faria; cartaz cinematográfico; Companhia Cinematográfica Pathé.

O nascimento da companhia francesa Pathé Cinematográfica, em 1896, liderou a industrialização do cinema em todo o mundo, inaugurando um sistema pioneiro de produção e distribuição em massa. Inovações e investimentos em fábricas de produção de filmes, estúdios de filmagens, fabricação de aparelhos foram algumas das ações que demonstraram o amplo domínio da Pathé no mercado cinematográfico nos primórdios do cinema. Para impulsionar a venda dos filmes, a companhia fez um significativo aporte publicitário investindo na produção de cartazes destinados ao exibidor e ao público. O ilustrador brasileiro Cândido Aragonez de Faria será figura de destaque nos primórdios de cinema sendo um dos mais ativos cartazistas da indústria do entretenimento produzidos pelo Ateliê Faria.

É surpreendente como a atuação de Cândido de Faria ainda é pouco conhecida no Brasil. A pesquisa seminal de Norberto Gaudêncio Júnior, resultado da tese de doutorado defendida em 2015 em São Paulo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, intitulada

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Um sergipano em Paris: a arte gráfica de Cândido Aragonez de Faria no Fin-de-Siècle parisiense (1882 a 1911) é referência fundamental para qualquer estudo sobre o ilustrador. Gaudêncio Júnior propõe um resgate da obra do artista gráfico e seu estudo será uma referência que vai abrir muitos caminhos para uma proeminente literatura sobre Faria, praticamente todas no campo das artes aplicadas (ARAÚJO, 2018; ALONSO FILHO e GOULART, 2018; BARI e RODRIGUES, 2018). Estes estudos mais recentes buscam trazer para o debate a expressiva atuação do ilustrador tanto no cenário nacional como no cenário internacional das artes visuais. No caso da nossa pesquisa¹ por se tratar do mesmo período por nós analisado – a Paris da virada do século - boa parte das informações coletadas para esta comunicação tem como base a tese de Gaudêncio Júnior.

Além das referências bibliográficas, utilizamos como fontes para esta pesquisa fotografias da Companhia Cinematográfica Pathé, postais do início do século XX, documentos oficiais da Pathé – catálogo de filmes, livro contábil -, e claro, os cartazes assinados por Cândido de Faria. Parte deste material foi coletado na exposição sobre Cândido de Faria organizada na Fundação Jérôme Seydoux-Pathé em julho de 2018 (Figura 1). A Fundação possui um rico acervo com a documentação referente ao período em que o ilustrador foi um importante colaborador da Companhia Cinematográfica Pathé.

Figura 1 – Cartazes de Cândido de Faria na exposição Cândido de Faria: um brésilien à Paris. Paris, França [2018].

¹ Esta pesquisa encontra-se em processo e está sendo desenvolvida desde 2015 em parceria com Andréia Resende, professora de Comunicação Visual da Escola de Comunicação da UFRJ.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Fotografia da autora.

Nascido na cidade de Laranjeiras, no estado do Sergipe, em 1849, a carreira de Faria é dividida em três fases para Norberto Gaudêncio Júnior. A primeira fase, quando apresenta uma profícua produção nas publicações caricatas brasileiras. Em 1855, quando seu pai médico falece, a família se muda para o Rio de Janeiro. Em 1869, Faria ingressa na Academia Imperial de Belas Artes e com apenas 20 anos passa a desenhar para a Imprensa da Corte do Império do Brasil. Entre 1866 e 1882 Cândido de Faria foi responsável pela produção ilustrada de mais de 20 periódicos (ARAUJO et all, 2018, p. 137), tais como *A Pacotilha*, *Vida Fluminense*, *O Mosquito*, *Mefistófoles*, *O Mequetrefe*, *O Ganganelli*, *Diabret*, *Zigue-Zague*, entre outros. Como afirma Araujo et all o ilustrador irá se dedicar “ao desenho caricato dos acontecimentos sócio culturais em impressos de comunicação de massa (ARAUJO et all, 2018, p.140).

A segunda fase – argentina - refere-se ao momento em que Faria estende a sua atuação para os principais periódicos portenhos. Um pouco antes, possivelmente em 1878, Cândido de Faria, se muda para Porto Alegre, e lá colabora com o periódico *O Fígaro*. Em seguida viaja para a Argentina e contribui com os periódicos *El Mosquito*, e a revista *La Cotorra*. (ARAUJO, 2018).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A terceira fase – a fase parisiense de 1882 a 1911 (ano de sua morte) – trata do momento em que se estabelece na capital francesa e lá instala o Ateliê Faria e irá dedicar a ilustração de partituras musicais e cartazes para a emergente indústria do espetáculo e do entretenimento.

É possível que o motivo da partida de Cândido de Faria para Paris deve-se ao cenário economicamente promissor da efervescente capital francesa, como demonstra Araujo et all:

Quando Cândido de Faria chegou em Paris encontrou a França em uma época de efervescência artística e cultural, a chamada *Belle Époque*. Período marcado por intenso desenvolvimento econômico e de estímulo ao consumo - o que seria a Segunda Revolução Industrial -, com o incremento de novas tecnologias de produção de objetos, assim como novos meios de transporte, e o estímulo ao ócio como forma de prazer. (ARAUJO et all, 2018, p.147).

Em outras palavras, podemos afirmar que o contexto da chegada de Faria à capital francesa é o momento do surgimento de uma cultura urbana que produz novas formas de diversão, novas formas de entretenimento, assim como novas formas de consumo. Neste sentido, há uma explosão de cartazes nas paisagens urbanas. Estes se configuram como “uma expressão do surgimento de uma cultura de massa na França, quanto um catalizador no desenvolvimento de novas formas dessa cultura” (VERHAGEN, 2004, p. 132).

Quando Faria aporta em Paris o cartaz já se beneficiava de certa valorização e aceitação crítica. Seu florescimento de dará em paralelo ao florescimento da indústria de entretenimento. Os avanços tecnológicos também contribuiram para a sua vitalidade e transformaram as paisagens urbanas. Marcus Verhagen descreve as principais transformações nas últimas décadas do século XIX:

No início da década de 1870, Chéret e os irmãos Choubrac, Leon e Alfred, introduziram aperfeiçoamentos técnicos que reduziram os custos da litografia colorida e a tornaram duplamente atrativa como um meio de promoção. As leis liberais de 1881 afrouxaram o controle do Estado sobre os meios de comunicação e, assim, prepararam o caminho para um grande aumento na produção e disseminação de anúncios. Em 1884, o conselho municipal anunciou que as superfícies pertencentes à municipalidade estariam disponíveis para serem alugadas. Outras áreas foram criadas. Na virada do século, os bulevares foram ornamentados com colunas Morris (colunas para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cartazes de publicidade); e a partir de 1874 os bondes elétricos que transportavam passageiros para as áreas afastadas da cidade também passaram a ostentar anúncios. (VERHAGEN, 2004, p. 131).

Diante deste contexto de profundas transformações, que surge o cinema como produto interconectado com a modernidade. Estamos diante de “uma nova tecnologia de percepção, reprodução e representação; uma nova mercadoria cultural de produção e consumo de massa; um novo espaço de congregação social na esfera pública”. (ABEL, 2004, p..215).

A Companhia Cinematográfica Pathé, criada por Charles Pathé em 1896, irá criar um novo paradigma cinematográfico. O período da colaboração de Cândido de Faria com a Pathé foi marcado pelas tentativas do cinema em se firmar como uma linguagem artística e se distanciar das outras formas de entretenimento popular.

Uma frase de do Charles Pathé traz uma boa síntese da Companhia: “Je n’ai pas inventé le cinéma, mais je l’ai industrialisé” (Eu não inventei o cinema, mas eu o industrializei). Sediada em Paris, a Pathé vai liderar a industrialização do cinema em todo o mundo. Irá introduzir um sistema pioneiro de produção e distribuição em massa, onde há uma concentração de todo o processo cinematográfico. Desta forma a Companhia terá um amplo domínio do mercado cinematográfico, apostando numa organização industrial, numa certa uniformização no estilo Pathé e na produção em linha voltada para a expansão e para o lucro.

As inovações e investimentos da Pathé serão feitos na fabricação de aparelhos, na instauração de fábricas de produção de filmes, na construção de estúdios de filmagens e de ateliês de figurinos e colorizações, e no investimento de uma significativa mão de obra, como demonstra Norberto Gaudêncio Júnior:

Entre 1905 e 1908 a Pathé vivenciou a maior expansão de sua história, com um crescimento até então inigualável dos lucros, passando de 1.370.000 para 8.512.000 francos neste período. Inovações e investimentos como os estúdios de filmagem, os ateliês de figurino e cenário, os laboratórios de cópia e colorização, e a fabricação de aparelhos só foram possíveis graças a este aumento significativo de capital. Pela primeira vez o volume de negócios de seu ramo cinematográfico superou o ramo fonográfico. Sucursais foram criadas em países industrializados e rapidamente os lucros no mercado estrangeiro superaram os do mercado francês. A sociedade empregava então

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na Figura 4, a edição do Bulletin presta uma homenagem ao ilustrador Cândido de Faria, falecido um ano antes (1911), o que evidencia a importância do sergipano para a Pathé. Faria terá uma produção intensa e bastante expressiva de cartazes publicitários para a Pathé. A ele é atribuído a criação do primeiro cartaz de cinema *Les victimes de l'alcoolisme*, filme de Ferdinand Zecca, em 1902. (Figura 5).

Figura 5 – Cartaz do filme *Les victimes de l'alcoolisme*, de Ferdinand Zecca – 1902 - Exposição Cândido de Faria: um brésilien à Paris. Paris, França [2018].



Fonte: Fotografia da autora.

Devido ao surgimento de vários estabelecimentos litográficos, que vão produzir cartazes em grande formato, em grandes escalas e em grandes quantidades, podemos afirmar que os cartazes eram inseridos de forma exaustiva na paisagem urbana, com o intuito de atrair o público para os espetáculos.

Observando os cartões postais do início do século XX podemos afirmar que as imagens impressas vão fornecer um material excepcional para pensar o cinema, e o uso do material gráfico associado às emergentes salas de cinema, isto é, como o cartaz vai ocupar um lugar físico e imagético na paisagem urbana. Estas imagens, possibilitadas pelos novos procedimentos de reprodução fotomecânica, nos colocam diante de universo de informação visual a ser explorado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na Figura 6 observamos na fachada do Cinéma Théâtre Pathé, o predomínio de uma grande quantidade de cartazes de filmes, e cartazes publicitários da Companhia Cinematográfica Pathé. A foto de 1908 ilustra não só a presença dos cartazes, como também a dimensão da publicidade.

Figura 6 – Cartão Postal com fachada do Cinéma Théâtre Pathé – 1908 – Foto Coleção Fondation Jérôme-Seydoux Pathé.



Fonte: https://twitter.com/fondation_pathé/status/1247133060371484673?s=20.

Acesso em 07/08/2021.

Ainda podemos destacar na fachada do Cinema dois cartazes elaborados por Cândido de Faria, que demonstram como a “instituição cinema” aparece figurada nos cartazes institucionais da Pathé (Figura 7). São imagens de entradas dos cinemas, das antessalas, do público frequentador, dos “cartazes dentro do cartaz”, que aparecem como representações nos cartazes da Pathé que visavam a promoção da emergente indústria cinematográfica. Para Gaudêncio Júnior “Faria foi o primeiro artista a ampliar a sociologia do público ao representar em um cartaz para a Pathé a diversidade social do público frequentador da sala de cinema” (GAUDÊNCIO JÚNIOR, 2015, p.185).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 7 – Elaboração da imagem a partir de Cartão Postal com fachada do Cinéma Théâtre Pathé – 1908 – Foto Coleção Fondation Jérôme-Seydoux Pathé.



Fonte: Elaboração da autora.

A importância de Cândido de Faria merece ainda ser investigada, não só na sua importância como ilustrador na história das artes gráficas, mas também como figura fundamental para o desenvolvimento de uma indústria cinematográfica e consequentemente para a história do cinema mundial.

Referências bibliográfica:

ABEL, Richard. “Os perigos da Pathé ou a americanização dos primórdios do cinema americano”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

ALONSO FILHO, Geraldo e GOULART, Paulo Cezar Alves. *Affiches Cândido de Faria: um brasileiro em Paris*. Vargem Grande Paulista, SP: A9 Editora; São Paulo: ESPM, 2018.

ARAÚJO, Germana Gonçalves de, et all. O Faria: um sergipano na história da ilustração (1866-1911). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. N. 47, 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ARAÚJO, Germana Gonçalves de (org.) *Cândido de Faria: um ilustrador sergipano das artes aplicadas*. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2018.

BARI, Valéria Aparecida e RODRIGUES, Raul Felipe Silva. Contexto da contribuição de Cândido Aragonez de Faria na modernização das diagonais barrocas. *Literartes*, n. 8, 2018.

BOSSENO, Christian-Marc. *La prochaine séance – Les français et leurs cinés*. Evreux, França: Gallimard, 1996.

GAUDÊNCIO JÚNIOR, Norberto. *Um sergipano em Paris: a arte gráfica de Cândido Aragonez de Faria no Fin-de-Siècle parisiense (1882 a 1911)*. Tese (doutorado em educação, arte e história da cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

LYOTARD, Jean-François. “Paradoxos sobre o artista gráfico”. In: *Moralidades Pós-modernas*. Campinas: Papirus, 1996.

MOLES, Abraham. *O cartaz*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SALMON, Stéphanie. *Pathé: à la conquête du cinéma – 1896 – 1929*. Paris: Éditions Tallandier, 2014.

VERHAGEN, Marcus. “O cartaz na Paris fim-de-século: “Aquela arte volúvel e degenerada”” In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. R. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.